

O Outro

Fabio Rocha

Copyright © 2005 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional:

Nome(s) do(s)	FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	O OUTRO
No. Registro da Obra:	347810
Livro:	640
Folha:	470
Data de Registro:	25/7/2005
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: O Outro

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

ÍNDICE

1. Capa
2. Dados
3. Índice
4. Prefácio – Rubens da Cunha
6. PARTIDO
7. À GRANDE MULHER PEQUENA ENTRE 4 PAREDES E UMA PORTA
8. O TELEFONE MAIS SILENCIOSO DA GALÁXIA
9. FOGO: ARTIFÍCIO
10. MEDITAÇÃO IMPOSSÍVEL
11. SOLTEM MEU BRAÇO
12. APELIDINHO CARINHOSINHO NUMA CARONINHA
14. PONTAL
15. PERSEGUIÇÃO
16. CONSOME DOR: 4 MANDAMENTOS
17. SIMPLES POEMA SIMPLES
18. POEMA SIMPLES POEMA
19. POEMA ECO (I)LÓGICO
20. POEMA ECO LÓGICO
21. HOMEM: PÁSSARO
22. MINHA ALMA CANTA
23. morCEGOS abSURDOS
24. SILENCIOSO FRIO
25. RELER (ANÁLISE)
26. OLHO MUDO
27. NOVA FORMA DE VIDA
28. NOTURNO
29. ILLUMINATA
30. MUITO JOVEM PARA ESCOLHER
31. PSI
32. UMBRAL
33. SEM TÍTULO
34. SURPLUS
35. PRIMAVERA
36. TRÓIA
37. STELLA
38. ETERNO RETORNO
39. SOM
40. DE CORAÇÃO
41. JORANALZITO
42. ENROLADOS
43. LEMBRETE
44. ETERNO RETORNO ETERNO
45. RETORNO ETERNO RETORNO
46. SOC
47. MAR QUE TINHA
48. VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA
49. FICA
50. PARA VIVI LEÃO
51. SUO
52. SHINE ON YOU CRAZY DIAMONDS
53. DANÇA COMIGO?
54. COMO FICAR RICO, TER AMOR DE SOBRA E SER FELIZ EM POUCAS PÁGINAS
58. PELO QUE (IXO)?
59. ILUMINURAS
60. CIDADÊUTICA BAIRRÍSTICA
61. HORAS SÃO
62. PESCARIA
63. SINAL
64. POEMA INSONE
65. JEAN GREY
66. RITMO?
67. UM POEMA CINZA
68. EU VI A LUZ
69. POEMA DE ANO NOVO
70. TRINTA
71. FASE E LUA
72. TRISTE DA VINCI (E O POÇO)
73. A MORTE DO SUPER HOMEM
74. WHO IS THE ONE?
75. MAS...
76. UM POEMA DE TARDE
77. PARÁFLORA
78. ESPALHAR DÚVIDAS - A MISSÃO
79. SEMI-ÁRIDO
80. PARTE
81. TIÊ SANGUE NA POUSADA DA FLORESTA
82. MAR: ERROTENTATIVA
83. PREMONIÇÃO
84. DA PAIXÃO
85. SÓFOCLES
86. MÃO NO QUEIXO E LABIRINTITE NERVOSA
87. PÓ
88. TITE
89. DO SONHO BESTA
90. SAÍDA
91. ESCRIT-ÓRION
92. DO ESCREVER
93. DA MORTE
94. A NIETZSCHE
95. TRINCAGEM DENTAL MUSCULAR ESPASMÓDICA
96. BIGODÃO
97. DÉBI
98. MAS NEM
99. NÃO ME AGUENTO MAIS ME OUVIR RECLAMANDO
100. PAUSE
101. RELEMBRANDO O MESTRE ADISON
102. PROPAGANDA REAL
103. CURTO CORTE
104. TÍTULO
105. ESCALADA VORAZ
106. (C)ALMA
107. O TRENZINHO DO CAIPIRA
108. SIMPLIFICAÇÃO
109. LÁGRIMAS PRESAS

Sangro mas não choro

Fabio Rocha é um poeta surpreendente. Dono de uma produção contínua, publicada tanto em livros reais, quanto em livros virtuais. Objetos diferentes para comportar uma obra poética que se diferencia pela crueza direta da coloquialidade: “caralho, estou fazendo um poema” por aquela simplicidade aparente, pois seus textos estão agarrados no cerne das questões cotidianas: “Estou amargo como o aspargo que não comi”.

Neste “O Outro” há uma certa revolta, provocada pelo indivíduo preso na cidade gigante: “O que eu quero tendo raiva dessas manifestações mínimas que me aparecem milagrosamente numa cidade sem amigos, de amigos distantes, de amigos ocupados, de nenhuma amiga?” A solidão imposta pelo ambiente conturbado é combatida por Fabio com ironia, um preciso humor amargo, mas nunca negro ou agressivo. O humor dos poemas manifestam uma vontade intrínseca de que tudo poderia ser diferente, mas infelizmente não é.

Todas as relações humanas, as desconexões entre os seres, as dúvidas quanto à própria função de poeta neste caos, perpassam este livro, feito estiletos invadindo nossas verdades estabelecidas.

Fabio não considera sartrianamente os outros como inferno. Em certo momento diz “eu tento ser perfeito para o outro” e nesta tentativa (a tentativa de todos nós) erra e acerta, escorrega e reclama. Humano demasiado que é, expõe o os joelhos ralados no poema, imiscuindo o eu-Fabio Rocha, o eu-lírico, o eu-leitor numa coisa só. Mesmo quando se tranca, o mundo externo retém toda a sua atenção, a sua necessidade de ser compreendido. Em **Umbral**, um dos mais belos poemas do livro, percebe-se esta dualidade: eu x mundo.

Estou trancado.

Lá fora
leões
que amo.

A casa encolheu
ou eu que cresci?

Estou armado até os dentes.
Eles têm fome.
Ouço seus rugidos.

(Algo em mim quer ser um monstro.)

Cansado de ferimentos
olho para a porta
a chave pesando a mão.

O homem sendo diferente - a maldição da sensibilidade - deseja entre parênteses ser um monstro, pois lá fora estão os leões que ama, lá fora está a vida que o seduz e repele, “suicida sem coragem”.

Neste percurso cotidiano, de frieza, de mundo em guerra, os poemas vão dialogando com outros autores: Drummond, Cecília, Cazuza, vão tentando entender a força descomunal da contemporaneidade consumista, alarmista, indiferente: “o cotidiano me cospe me corta me cota em minhas costas o peso do não ser”, ao mesmo tempo em que busca soluções: “É parando que se chega perto de ser você mesmo” e no meio de tudo tenta convencer o labirinto que há firmeza e vontade.

No alto desta poética afetada pelo mundo externo, que busca diálogos interpessoais com “morcegos absurdos”, o poeta grita: “sangro mas não choro”. Estaria mentindo ou dizendo a verdade? Descubra você, invadindo este “O Outro” descobrindo-lhe as artimanhas e a beleza.

Rubens da Cunha

<http://www.casadeparagens.blogspot.com>

PARTIDO

*“A burguesia fede
a burguesia quer ficar rica
enquanto houver burguesia
não vai haver poesia”
Cazuza*

É isso...
Joguei a estrela
do PT no lixo.

Quem sabe não reciclarão
e mais metal doarão
ao FMI.

No entanto, o que me incomoda mesmo é esse frio
e essa sensação de ter partido.

Sim, partido de algum lugar onde havia o outro.
Onde eu conhecia o outro...
(Danem-se os políticos!)

Já não suporto é ir ao cinema sozinho
ou acompanhado de distantes-próximas pessoas-ausências.
(Sobra o tempo)

Para onde foi o outro?
Em que se tornou?
Que dialeto é esse que se fala sem dizer?

Para onde foi o outro?
Eu não me movi!

Ouçõ apenas vento
céu
cinza
e os ecos de meus pensamentos.

07/06/04

À GRANDE MULHER PEQUENA ENTRE 4 PAREDES E UMA PORTA

*“A gente quer explodir e não pode
quer se conter e não sabe”*

Trecho do poema CONTÁGIO, de Bruna Lombardi

Que palavra
pode explicar
a ameaça cintilante da paixão?

Palavra não sente
o mundo cinza se abrir colorido
dentro dos olhos
da face ruborizada...

Nem sente
a pequenez das teorias, das dores, das filosofias, dos dentes
quando tudo – tudo mesmo – passa a fazer grande sentido
e vorazmente valer a pena...

Pobres palavras calmas
sem hífen para ligarem almas.

17/06/04

O TELEFONE MAIS SILENCIOSO DA GALÁXIA

*“Eu preciso dizer que te amo
Te ganhar ou perder sem engano”
Cazuza*

Para Viviane Marques, que não ligou ainda

Não adiarás
jamais
um beijo...

Ou universos nascerão e morrerão
nos minutos de ânsia
(intermináveis lesmas eternas)
pela decrescente possibilidade escorrente
do encontro
de palavras e vozes e línguas e destinos.

18/06/04

FOGO: ARTIFÍCIO

*“Você sai de perto
eu penso em suicídio”*
Cazuza

Para Viviane Marques

A paixão, chama de um gato
(cheio de carrapatos)
corre por dentro em mim sem botas
renovando-se, repetindo-se, crescendo
com o Bolero de Ravel
procurando um canto calmo
para explodir
num orgasmo alto
e me levar com ela
e me lavar com ela.

19/06/04

MEDITAÇÃO IMPOSSÍVEL

“Adoro um amor inventado”
Cazuza

Para Viviane Marques

Minha amada instantânea não me liga
e pouco a pouco se torna inimiga.

Ó tempo abissal, interminável
cadê a certeza da paixão mútua?

Cadê o Buda que tava aqui?

Cadê o senhor Deus?

Cadê eu?

Cadê?

?

19/06/04

SOLTEM MEU BRAÇO

*“Hoje eu acordei com medo, mas não chorei
nem reclamei abrigo.*

*Do escuro, eu via um infinito sem presente
passado ou futuro.”*

Cazuza

Sou aquele
dos grandes pensamentos
filosófico-existenciais.

Que se perde
em palavras
e sonhos altos demais.

No entanto
no básico
cotidiano, simples, real, abominável
sou só
(suicida sem coragem).

22/06/04

APELIDINHO CARINHOSINHO NUMA CARONINHA

*“Migalhas dormidas do teu pão
raspas e restos me interessam”*

Cazuza

Para Elaine

Meu Deus, ela me chamou de Fabinho...
Ela me chamou de Fabinho.
Ela me chamou, a essa altura do campeonato
de Fabinho.

E estou falando sozinho
enquanto dirijo meu Corsa Wind 98 vermelho com kit gás que só dá prejuízo
e nem sei se quero ter.

Falando sozinho em voz alta e clara...
Enlouqueci de vez?
Bem, dane-se o mundo.

Esse sou eu:
falando no trânsito, sem ligar o rádio.
(Nunca antes tão louco).

Ela me chamou espetacularmente de Fabinho perante quase toda a sua família...
E tem namorado.

Por que estou com raiva por ela ter me chamado de Fabinho?
Por que estou com raiva por ela ter me chamado de Fabinho?

Maravilha, é um novo tipo de auto-análise falada!

Vamos, pense:
Por que estou com raiva por ela ter me chamado de Fabinho?

Carinho não é bom vindo de alguém atraente com namorado?
O que eu quero tendo raiva dessas manifestações mínimas que me aparecem
milagrosamente numa cidade sem amigos, de amigos distantes, de amigos ocupados
de nenhuma amiga?

Deveria agradecer?

De onde essa repetitiva raiva?
Pra onde essa inutilidade de raiva?
O que me adianta essa maldita raiva?

(E essa pressa de chegar em casa?)

Tenho raiva de aceitar restos?
É resto ser chamado de Fabinho
sendo ela o todo que ela é
tendo ela um namoradinho?

Quero é ser amante oficial
para poder concentrar todo o meu mundo numa só infeliz (prato principal)
e espantá-la novamente com meu exagero?

Se amizade é resto
comida seria a paixão? Nos alimentando de fome?

Mas não estou preocupado com isso.
Só estou com raiva.
Pura.

Por que estou com raiva por ela ter me chamado de Fabinho?
Por que estou com raiva por ela ter me chamado de Fabinho?
O que estou fazendo falando sozinho?

Caralho, estou fazendo um poema!

22/06/04

PONTAL

Envolvem
com mãos azuis
o planeta.

O horizonte me acalma.

Se calcularmos
a média aritmética infinita
entre dor e prazer
luz e sombra
amor e solidão
extremos se anularão
e chegaremos a uma reta.

O horizonte me acalma.

Tranquilo, constante e belo
atravessando o tempo.

25/06/04

PERSEGUIÇÃO

Há muito
O Poema
me escapa.

Corre rente a rimas pobres
salta sobre metáforas
esgueira-se dentre veludas sinestésias
esconde-se em reticências...

Abrevia-se sob esquecimentos
e árvores temporais sem folhas.

(Sinto que sorri
de minha incompetência)

Sigo
com pena
tentando.

01/07/04

CONSOME DOR: 4 MANDAMENTOS

“Tire o seu piercing do caminho que eu quero passar com a minha dor”.
Zeca Baleiro

Coma feito um animal
seja um gordo e moderno Big Mad
e compre digestivo pra não passar mal.

Não ouça esses outros seres
que te cercam e também não te ouvem, ocupados
e compre 50 minutos de análise pra não enlouquecer.

Não tenha tempo, corra mesmo sem saber pra onde ir
venda mais, se automotive, queira mais
e compre um calmante para dormir.

Mas, acima de tudo
esqueça de desligar
seu utilíssimo celular
no cinema...

Para que eu faça
(de graça)
um poema.

02/07/04

SIMPLES POEMA SIMPLES

E eu tento ser perfeito
para o outro.

Quando acho que acho algo
é para ver o que os outros acham
de eu achar aquilo.

Acho.

Ou isso ou minha analista tenta me convencer disto com sucesso.

08/07/04

POEMA SIMPLES POEMA

Quem é esse
que não me reconheço?

(Dizem lá no fundo:
teu pior inimigo...)

O paraíso
é o lugar mais próximo
do inferno.

10/07/04

POEMA ECO (I)LÓGICO

Está frio.
Estou só.

E ando fazendo um grande esforço
para complicar o poema
afastar mais gente
e aumentar o frio.

11/07/04

POEMA ECO LÓGICO

O frio é bom
e maravilhoso é estar só
quando se ama a si, se ama a si, se ama a si
amacia o ar gelado que se inspira como um carinho pulmonar e lento
sem pressa alguma, sem nada por vir, a ganhar ou perder: basta ser, ser, basta.
(E assim pode até se ver e haver um outro).

16/07/04

HOMEM: PÁSSARO

Há um ninho torto
que faço
em desalinho em minha mente
e passo
simplesmente ao acaso das feias tranças de fora
(espantando amigas formigas ambíguas que não como nem saem de perto)
espasmos
de um lar que duramente a mente faz
(e facilmente se desfaz)
e me faz bem
quente, seguro e meu
dentro.

16/07/04

MINHA ALMA CANTA

Eu sou da capital não linear
deste país irregular
de capital a esperar
alguma distribuição.

Moro no Rio de Janeiro.
Morro no Rio de Janeiro.
Quando não chove faz sol.

Desinibidos pela praia
canga sunga saia bunda
canta sente suga funda
suruba a areia não ajuda
e só espalha solidão.

Todo caos é pouco.
Manda mais aí.

Sou poeta e *webdesigner*
romântico e canalha
consumista e antiestadunidense
pobre e rico
filósofo e burro
de quando em vez incompetente...

Aqui é o meu lugar.

Todo caos é pouco
movimento louco
tanto corpo e pouca alma
tanto porco e pouca calma
tanto copo e tanta mágoa
tanto fumo tanto *funk* tanta fuga...

Ei, Freud, atira mais pra lá, sim?
Que aqui tem uma rima e uma estátua no jardim
INDUBITAVELMENTE PARADAS
cercadas de muros
tentando respirar.

19/07/04

morCEGOS abSURDOS

Ah, tantas gentes
neste mundo pleno de problemas
com dois ouvidos, dois olhos e uma boca.

No entanto como falam!
Que poder imenso, intenso, incansável
em suas vozes egoístas solitárias.

Analise isso:
preciso pagar ouvidos que me ouçam
olhos que me vejam e não apenas olhem
e um cérebro que me entenda
ao menos uma vez por semana
para ser.

E tem um Deus em mim
mandando ver o lado positivo
de todas as situações.

Bem, eu fiz um poema...

21/07/04

SILENCIOSO FRIO

Estou amargo
como o aspargo
que não comi.

25/07/04

RELER (ANÁLISE)

A poesia
já me entendia
antes de mim.

27/07/04

OLHO MUDO

Olho
o imundo do mundo
por não querer olhar
o imundo em mim.

Aponto
a falha alheia
que rasga tudo em negativo.

Deveria
tornar-me de tal modo
um caminho
que mudando o ser
transformaria o tudo.

07/08/04

NOVA FORMA DE VIDA

Pressa ou bebida ou imprudência
ultrapassagem ou derrapagem ou sacanagem
uma cambalhota duas cambalhotas
uma pirueta duas piruetas
ferro range
metal corta carne
osso entorta
cartilagem
estalo
escuro.

Silêncio imundo.

Se o mundo se move
se a perna não se move
se a morte se move
se a vida se vai
se dali se sai
não se sabe.

O homem-carro
(aracnometalóide antropofagis)
presa
está só e não tem pressa
perna.

Seus olhos grandes de medo
não vêem luz no túnel
e querem um túnel de luz.

10/08/04

NOTURNO

A Mozart e Artur da Távola

Não, não nos basta
o chão.

Por isso, é preciso
vestir-se de estrelas
e cavalgar o sonho
no ritmo do divino.

Esmagados contra a terra
pela grave e forte gravidade
voltamos a face para o céu.

Na alma humana
cabe o universo infinito.

14/08/04

ILLUMINATA

Onde está o sol?
Onde está o norte
de minha forte vontade?

Chegar
a algum lugar
onde haja um outro
onde haja uma ponte
onde haja um eu
que ilumine
esquente
meu caminhar perdido...

O silêncio da tarde me incomoda.
O silêncio do tarde me arde.

Vou com o vento
coração aberto
carteira vazia
mãos imperfeitas
imaginando o toque da alvorada.

24/08/04

MUITO JOVEM PARA ESCOLHER

Para Nenhum de Nós e Enya, inspiradores

Só por hoje
vou parar na tarde
respirar
e dançar com o silêncio.

Só por hoje
dissolverei as nuvens de sonhos a conquistar
nas saudades do passado
e beberei sem lágrimas.

Só por hoje
não medirei a falta
de conhecer quem me conheça:
eu me começo.

Só por hoje
expelirei as pesadas luas de culpa
possíveis e imaginárias
e serei estrela.

Só por hoje
bordarei ausências
deitarei na teia
e dormirei comigo.

(Basta querer.)

27/08/04

PSI

Ao Rappa

Regar as dores no deserto
é preciso
cultivá-las, entendê-las, amá-las
para ser
fora delas.
(Ora belas...)

02/09/04

UMBRAL

Estou trancado.

Lá fora
leões
que amo.

A casa encolheu
ou eu que cresci?

Estou armado até os dentes.
Eles têm fome.
Ouço seus rugidos.

(Algo em mim quer ser um monstro.)

Cansado de ferimentos
olho para a porta
a chave pesando a mão.

08/09/04

SEM TÍTULO

Tenho tentado. Ando pelo quarto salgado e não acho o que procurar. Tenho tentado.
O tempo, sem passatempo, passa lento. Mas tenho tentado.

11/09/04

SURPLUS

De vez em quando o mundo se divide em tantos mundos que me acho imundo irresponsável adulto demais para tanta indecisão. Sobra idade cronológica, sendo o tempo relativo... Sim, eu vi o documentário Surplus no GNT nesta data querida. Sim, pregava o anticonsumismo como eu um dia preguei nas paredes imaginárias de revoluções de papel que deste não saem. Sim, mas por que isso ainda me toca, me faz criança, me chora, me morde, me culpa? Eu que tinha desistido de pregar o inútil e crescer na moeda... Eu, que briguei com o ócio e fiz as pazes com o Marketing pela sobrevivência de meu ego num possível futuro apartamento próprio meu meu meu onde culpas por ser um parasita familiar de quase trinta na casa paterna e ainda sem emprego fixo de oito horas diárias não entrariam. Não entrariam... No entanto, ainda tateio no quarto não meu com colchonetes para a yoga que não faço atrapalhando a passagem. Também não tenho meditado... Sobra tempo. Que vai ser quando crescer? Drummond ecoa nessa mente velha de criança. Que vai ser quando crescer? Assistente de marketing, Mestrado em Literatura Brasileira, concurso público, poeta, psicanalista futuro, auxiliar administrativo, *webdesigner*, poeta, contista, ufólogo passado, poeta, desconfiado, quase tarólogo, perdido e (poeta) mal pago. Tateio o ato que de fato eu deveria mas não me conheço. (Nem sei mais se escrevo prosa ou poesia ou porcaria ou conto dinheiro. Ou não.)

17/09/04

PRIMAVERA

Todas as flores que vejo
(terror)
estão em túmulos
de crianças mortas
na montanha russa.

18/09/04

TRÓIA

“Todo dia é dia de viver.” – Lô Borges

Eu subi no cavalo.

Ninguém poderia tê-lo feito em meu lugar.

Eu subi no cavalo
por mim.

Não importa como
não importa quando
muito menos para onde.

Eu subi no cavalo
sob a lua e o sol
apertei as rédeas
sem culpa ou dúvida
celebrei sozinho
e segui o caminho.

Eu no cavalo
o vento novo
eu no controle
a estrada agora linda
o cavalo meu.

22/09/04

STELLA

A estrela
dança branca
no céu de sábado.

Silenciosa e futura.

29/09/04

ETERNO RETORNO

O cotidiano me cospe me corta me cota
em minhas costas
o peso
do não ser.

Corro e buzino
sem anel
abandono e recomeço
subo e caio de cavalos
desde que siga
pelo caminho
errado?

Eu não quero saber que porra de supermercado vende mais!!!!

Em que espelho ficou perdida a minha faca?

Lâmina hoje de barbear hoje é Gillete ® ?

Não.

Não são só os caminhos errados que pagam.
(Sim, é preciso dinheiro.)
Mas é preciso mais ainda manter o sonho
plantar o verme pestilento do sonho futuro possível.

Que sonho futuro?

Hoje.
Hoje seria bom prazer hoje, agora
nesse instante em que me perco em linhas confusas de fim de semana...
Hoje seria bom foder uma mulher...

02/10/04

SOM

Não agüento mais
me ouvir
reclamando.

No entanto
não sei mais
falar de outra coisa.

03/10/04

DE CORAÇÃO

Carrego
comigo
um vazio
pesado.

Um fardo
um vácuo
independente.

Esteja onde estiver
com quem estiver
fazendo o que for
meu vazio me pesará
e procurarei motivos exteriores.

03/10/04

JORNALZITO

Um homem-bomba sunita
destruiu a mesquita
lotada de xiitas.

07/10/2004

ENROLADOS

Stella e a toalha
Stella é a toalha
circular
eterna
infinita

toalha
girando girando...

Tão longe
quanto eu de mim.

Parecia um fim
mas não houve começo.
Parecia sim...

Stella girando...
Toalha branca...

Quando chove
também temos
que fazer a barba.

Stella girando...
(mais rápido que minha pressa)
Toalha branca...
Sinal vermelho...
Mãos indecisas...
Línguas travadas...

Na tomada
novamente
líquida fica a dor.

É, aceita a derrota
embainha a espada
e vai fazer a barba
com a marca registrada.

20/10/2004

LEMBRETE

Aconteça o que acontecer
não me dê roupa de presente.

Não gosto de ganhar roupa de presente.
Nunca gostei de ganhar roupa de presente.

Criança queria brinquedo.
Adolescente queria dinheiro.
Adulto queria escolher.

Não gosto de ganhar roupa de presente.
Nunca gostei de ganhar roupa de presente.

Aconteça o que acontecer
não me dê roupa de presente:
me faz mais só.

22/10/2004

ETERNO RETORNO ETERNO

A manhã nasce em mim
como a promessa de um inferno:
a vida real.

É um real...

Olhe bem fundo em meus olhos
e diga com convicção
que a vida é boa.

Difícil?

Real cinza vindouro do futuro que não chega
com o qual devemos sonhar
bem distante bem difícil bem... ou mal?

Temos sempre que ir
onde não estamos.

Não nos suportamos?

26/10/2004

RETORNO ETERNO RETORNO

Voltei.

É a mesma vida, mas voltei.

O cavalo veio a mim
a estrada se abriu.

Tudo igual
mas diferente.

28/10/2004

SOC

Bala perdida
Bala encontrada morta
Bala soft na boca da morte

Soc pow boom
Granada metralhada
Ratatatatata

Dentro de nossa solidão
Seguros
Dentro de nossos muros
Mais e mais altos
Dentro do canhão
Cremos
Em deuses distantes e proteção.

06/11/2004

MAR QUE TINHA

No meio do caminho tinha uma tela
no meio da conversa tinha uma linha
no meio do carinho, uma propaganda
no ápice do prazer, uma campainha.

07/11/2004

VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

O poeta olha a pedra.

O poeta, sem caminho, olha a pedra.

O poeta é a pedra.

07/11/2004

FICA

Em Benfica
parafusos gigantes
tentam penetrar os telhados antigos
das indústrias antigas
desde os antigos tempos.

11/11/04

PARA VIVI LEÃO

Sentado de frente à tela
com a janela ao lado
e o relógio multiplicado
leio
que “para escrever é preciso nunca estar satisfeito”.

Nessas tardes de sexta-feira
dá uma vontade danada
de explodir.

No entanto, algo me segura
se segura
e só sai da cadeia
por palavra.

Cura?

12/11/2004

SUO

Suo. Está frio, mas suo. Escrevo com o estômago apertado. Superman perdendo poderes. Superman querendo perder os poderes e começar a viver. Escrevo pânico. Sinto raiva? Espero algo. Espero há tempos. Estalo os dedos. Não estou calmo. Longe disso. Esta sala (cela, ato falho) cheia de silêncio e perfume tenta me convencer que ela é o problema. Não é. Sou eu. Eu sou ou estou? Talvez seja a hora de abandonar a psicanálise... Ouço sons no corredor. O estômago se aperta ainda mais. Se tocar o telefone, acho que vou morrer... Nada e silêncio e frio e chuva: manhã. Costuma tudo melhorar à tarde. Mas não me consola. É tarde... Devo mesmo aprender piano e madrugar para fazer yoga pela manhã quando não quero nada, só dormir? Seria possível passar vinte e quatro horas por dia dormindo ininterruptamente, todos os trezentos e sessenta e cinco longos e intermináveis dias de todos os anos? Um sonho... É preciso sonhar.

19/11/2004

SHINE ON YOU CRAZY DIAMONDS

A Pink Floyd

Superman morto.
(superego vive)
Vôo de cara na lama
da loucura que sou
me ergo
tanta lama
e tanta loucura
dentre tanto sempre labirinto
que...

Me habituo.
Eu sou a lama
suo lama
vejo Osama
e rio
de janeiro
como se comesse pouco
ou muito
sem satisfação.

Eu sou alama.

...

Brilha alguém na lama.

O que achei que era
era
o que achei que era?

Como
(como?)
se nem eu
sou?

22/11/2004

DANÇA COMIGO?

Choro
não sei por quê
e nem quero entender.

(Estranhamente não é dor.)

A lágrima de sentimento novo
não tem motivo
mas lava
e leva
alguma imperceptível máscara
que ainda me pesava.

Há cada vez mais vida em minha vida
simples
onde havia a busca estagnada
da inatingível perfeição.

28/11/2004

COMO FICAR RICO, TER AMOR DE SOBRA E SER FELIZ EM POUCAS PÁGINAS

O quarto está claro. Luz branca, como uma cozinha. É bom estar num lugar claro numa noite tão fria. A luz parece afastar qualquer ausência. O som da chuva batendo nas folhas lá fora convida à introspecção. Leve. Calmo. É hora de começar um romance.

Escolhi o caminho errado em algum ponto... Ou vários. Mas estava disposto a achar o certo, custasse o que custasse. Ana me falava o dia todo sobre coisas que não interessavam minimamente. Cor de cabelo, o filho do artista que não era dele, uma bolsa que ela queria comprar mas estava cara... E eu sabia que ela queria que eu dissesse “Não faz mal, compra.”, mas não dizia. Fingia não saber. Olhava o tempo todo a sopa de ervilhas, que comia lentamente. Silêncio. Agora eu sabia, mesmo sem olhar o rosto de Ana, que ela estava se emputecendo. Em breve viria alguma reação disfarçada por parte dela. E eu fingiria não notar também, para evitar piores brigas. Mais alguns minutos de silêncio. A sopa estava boa. Ainda quente. Coloquei um pouco mais de azeite. Ana é que bancava a sopa, o azeite, a casa, tudo, mas mesmo assim queria uma aprovação para comprar a maldita bolsa, que eu não dava. Tentava entender porque não dizia logo o que ela queria ouvir, mas não dizia. Saboreava o silêncio.

- Você que acabou com o sorvete de morango, Felipe?
- Ana, quem mais poderia ter sido?
- Felipe, aquele sorvete era para a Rosineide! Ela adora sorvete de morango!

Era assim que ela tentava diminuir-me, lembrando que sou um escritor fodido que não tem grana nem pra comprar sorvete de morango... E tenho que me sentar ali com meu amor morto e ouvir que o sorvete era para a empregada.

Não respondi. Minha vingança foi chupar a colher cheia de sopa ruidosamente. Ana foi pro quarto e se trancou. Ergui os olhos para a janela da cozinha. A lua devia estar sobre o mar em Copacabana, linda mesmo. Mas tudo o que eu via era a parede descascada do prédio vizinho, e ouvia os cães latindo na noite do subúrbio carioca.

Teria que trabalhar em algo que não gostava, pois o que gostava era ler, escrever e filosofar. Mas não conseguia sobreviver disso, nem aturar Ana, meu sustento.

Sim, eu sempre soube que o trabalho fora uma invenção católica, para cansar o corpo e livrá-lo dos “pecados da carne”, posteriormente reforçada pelo Protestantismo, com seus dogmas do tipo “mente vazia, morada do demônio”. Sem falar na praga lançada sobre Adão, quando expulso do Paraíso. Praga que agora parecia se abater sobre mim... Grandes portões se fechavam às minhas costas, enquanto a sopa esfriava a minha frente.

Sempre soube que a imensa maioria das pessoas trabalhava explorada por não ter outra opção de sobrevivência, e a minoria privilegiada o fazia para fugir de si, pelo status, pela necessidade consumista de comprar mais e mais... Raríssimas exceções viviam fazendo o que gostavam. Eu mesmo não consegui...

Sempre soube que as máquinas cada vez mais tiram emprego de trabalhadores com funções braçais. E, paradoxalmente, o nosso ensino (público e privado) cada vez mais prepara pior os futuros trabalhadores que, sem empregos braçais e despreparados para empregos mais “intelectuais”, aumentam as estatísticas de desemprego.

Eu sabia demais. Pra quê saber tanto, meu Deus? Houve um tempo em que pensei em ser professor para revolucionar esse sistema educacional de alguma forma extraordinária, ou pelo menos para dividir essa sabedoria com alguém. Mas não passei nem na prova para o Mestrado, com questões absurdas sobre termos herméticos. E, sem um título, não se pode fazer nada por aqui. Por mais que não se aprenda nada de útil numa graduação ou numa pós-graduação. Por mais que a grande atividade nesses locais seja a das máquinas de xerox.

Ah, leitor... Esse Felipe que sempre valorizava o ócio, a contemplação... Que criticava o uso atual da expressão utilizada nos campos de concentração nazista “O trabalho liberta”... Queria se libertar. E teria que se libertar pelo trabalho nazista, pelo trabalho alienado, pelo trabalho sem paixão, pelo trabalho em troca apenas de um maldito salário.

Ana, em seu quarto, organizava os armários, lotados de roupas em excesso. Após isso passaria uns dez cremes e tomaria uns quinze remédios para evitar a velhice inevitável.

Rosineide chorava com sua novelinha, e dormia, exausta, com a TV ligada.

Eu pensava sobre os males do mundo, filosofava longamente olhando e janela, deixava os pensamentos fluírem, se misturarem... No entanto, sempre voltavam a Rosineide. Raiva. Era raiva. Como a que senti no dia em que ela interrompeu minha

meditação transcendental com risadas. Devia achar a posição de yoga ridícula, ou eu ridículo na tal posição. E agora, eu teria que guardar sorvete para aquela imbecil.

Aliás, ela vivia rindo. Com motivo ou sem. Onde achava felicidade, meu Deus? Uma anta sem visão de mundo, que não sabia anotar um recado quando atendia o telefone. Uma mula de carga que passava mais de oito horas por dia limpando, cozinhando, passando roupa, fazendo tudo para os outros. Que se tivesse meio neurônio já tinha se matado ou entrado para o tráfico de drogas. Que não tinha casa, que não tinha um amante, um amor, nada. De onde saíam aquelas infundáveis risadas de hiena?

Percebi que minhas mãos estavam espremendo as bordas da mesa, como que buscando o pescoço gordo de Rosineide. A imagem da desgraçada morrendo em minhas mãos me deu prazer. Poder.

E ainda tinha um radinho. Um maldito radinho de som péssimo, que eu era obrigado a ouvir quando ela limpava a casa. Quantos walkmans já dei para esta criatura? Perdi a conta. Ela não usava. Agradecia, guardava ou vendia, mas não usava. E a casa não sendo minha, o salário dela não sendo pago por mim, como exigir qualquer coisa?

Fui dormir no sofá, com uma pressão no peito. Morna. Não dormiria nem tão cedo.

Pela manhã, saí pela cidade. Desci a ladeira da maldita rua de Ana e vi a vizinha manca subindo. Senti tanta pena dela subindo sozinha que não a cumprimentei. Seu marido, Parmênides, tinha morrido. A vida é assim mesmo, cruel. Por onde andaria agora o companheiro da vizinha, seu apoio nas ladeiras da vida? O cara vivia na janela do primeiro andar do prédio vizinho, fumando e escarrando ostras no quintal da casa da Ana. E, sempre que estava ali, naqueles poéticos instantes, procurava desesperadamente alguém para puxar assunto. Eu saía meio abaixado, fingindo uma concentração que não tinha, se pudesse, saía de casa invisível quando ouvia sua tosse ou sentia sua presença ali na janela. Era um pigarro que queria dizer “Estou aqui, fale comigo!”. Eu fingia não ouvir. Mesmo assim, muitas vezes ele começava a falar. Falava do tempo, ou temas semelhantes e metade eu não entendia. Era meio grulha nosso vizinho falecido. Eu não compreendia e concordava e dizia ter pressa e saía. De quando em vez ele trazia uns aipins que tinha colhido num sítio, não lembro onde. Ana agradecia, Rosineide cozinhava e eu, Felipe, comia.

Não sei mesmo o nome da vizinha manca que sobe a ladeira com dificuldade, viúva, nesse frio ferrado que está fazendo ultimamente.

A cidade do Rio de Janeiro acordava. As padarias abertas, com trabalhadores se preparando para mais um dia, tomando café com leite em copos de vidro. Um borracheiro espantando pombos batendo com uma chave inglesa numa placa de proibido estacionar. Um vizinho do borracheiro reclamando pelo barulho, que havia lhe acordado. Ainda estava frio. Frio não combina com esta cidade maravilhosa que é o Rio de Janeiro, mas estava bem frio.

Caminhei pelas ruas sem destino certo, mas não consegui escapar da minha dúvida: será que terei que me juntar aos das padarias? Ou será que meu romance – este romance – me salvará? Pensava num título para ele... Num título que atraia o leitor. Tem que ser forte e universal. Talvez algo como “COMO FICAR RICO, TER AMOR DE SOBRA E SER FELIZ EM POUCAS PÁGINAS”. Foi quando encontrei com tio Sávio. Quase nos esbarramos. Ele seguia curvado, ombros preocupados, pasta cheia de obrigações sem sentido.

- Opa. Felipe? Saiu um concurso público pra prefeitura de Nova Iguaçu, você viu?

Este era o “tudo bem?” do tio Sávio. Ele era fiscal, odiava seu emprego e cismou que eu devia ser funcionário público, que teria mais garantias... Eu era bem preparado, tinha uma faculdade e passaria fácil em algum, insistia. Mesmo sabendo que eu já tentara vários e não conseguira. Depois disso ele sempre dava uma reclamada da vida e, por algum motivo estranho, eu sempre acabava falando demais da minha própria vida pra ele. Ele dava uns conselhos óbvios que me irritavam, mas eu sempre falava demais, reclamava demais, me colocando numa situação de alguém que parece querer ouvir conselhos. Quão complexas as relações humanas... Tio Sávio começou a aconselhar e ouvi. Senti um desconforto por ter que ouvir aquilo e desconversei, inventei um compromisso e ele foi encarar o seu metrô superlotado diário. Eu até que gostei de falar com ele. Sempre gostava, no fundo. Não sei, racionalmente, o porquê.

Dei outra olhada pra padaria, onde já havia um cara bêbado àquela hora da manhã, tropeçando e xingando alguém imaginário, com plenitude de gestos. Possivelmente falava para o vazio tudo que não podia falar para seu chefe, aquele capitalista que lhe explorava. A imagem de Ana me pareceu menos sombria, sua casa mais agradável e sua empregada apenas uma pobre companheira que não se alimentou bem na infância, que estudou mal nesse ensino miserável e não teve oportunidades melhores para evoluir como espírito de Deus. Coitada.

29/11/2004

PELO QUE (IXO)?

Antes que eu esqueça que sou escritor... Antes que eu não tenha tempo e me acostume com isso... Antes do ponto final, algumas linhas.

Jamais entenderei quem beija sem beijar. Um encontro de línguas ou bocas semi-mortas por segundos intermináveis... Sobre corpos desativados, sem calor, sem pulsação acelerada, sem suspiros, sem mãos buscantes, sem prazer, sem tesão. Para quê? O que há neste ato apenas pelo ato?

Jamais entenderei o beijo pelo beijo, como dois mortos grudados pelo queixo.

30/11/2004

ILUMINURAS

Para Patrícia Marques

Lua que chora minha lágrima
e guarda dentro da noite
um fio de luz.

Lua sozinha e calada
lua morna e inchada
cansada de tanta altura
lua afastada...

16/12/04

CIDADÊUTICA BAIRRÍSTICA

Me tira
Itabira
me dói
Niterói
se expande
Campo Grande
até Belo
Horizonte
amar:
verbo intransitivo.

16/12/04

HORAS SÃO

Cidadela cadela
cheia de dentes
petrificada seja a vossa pele
como a dureza de Carpar o Diem
na agonia da ânsia do não-ócio
à espera do esporro pelo erro

(no ar
condicionado
não é quente)

insônia.

Cidadão
cagão.

16/12/04

PESCARIA

Com quantas
linhas
se faz
uma lagoa?

16/12/04

SINAL

O âmago
da paixão:
o ponto
final

.

16/12/04

POEMA INSONE

Apagar a luz para dormir
é acender a vontade
de flertar com a eternidade.

Pela palavra
acendo.

17/12/04

JEAN GREY

Onde derramar a ira
senão no papel?

Cá está a velha companheira estomacal
que me rasga e arranha
que me tira o sono
que eu levo pra cama...

Ira antiga
represada
ira nova
renovada...

(nunca entendida)

Ira motivada:
atraio pedaços
de mulheres:
orelhas querendo elogios ou poemas,
mentes querendo seres sem coração nem sexo,
mãos sem línguas,
cabelos vampiros...

Sou um homem do século passado:
nunca entenderei as mulheres.

19/12/04

RITMO?

Eu não sei dançar com a ausência.

Eu não sei dançar com a ausência.

Eu não sei dançar com a ausência.

Eu não sei dançar com a ausência.

...

Eu não sei dançar com a ausência.

22/12/04

UM POEMA CINZA

Continuo tonto
continuo tenso
continuo, tento...

Seminu o sonho
seminário lenço
semear, eu penso...

Se não chego logo
sinuoso dente
mastigando carne...

Mascando chiclete
e mertiolate
atacando marte
sem sair de dentro...

A tarefa é grande
Atari não jogo
atar nós de ferro
é um choro-berro...

Isso não acaba
nada nunca nada
no mesmo lugar
no mesmo lugar
fugindo.

23/12/04

EU VI A LUZ

Eu sonhei sob a marquise:
procurei em sete invernos
para achar em Marise.

24/12/04

POEMA DE ANO NOVO

Este peito que não ama
bate, pulsa, explode
(artifício?)
tambor tentando libertar
o invisível...

Como se pânico
motivo fosse
para continuar espalhando o vermelho
sob a pele branca
e o céu azul e novo
cheio de histórias interrompidas
do ano passado a ferro.

Cato cacos e pistas de corrida
mas não há como entender
as sem razões do órgão
em seguir em frente.

02/01/05

TRINTA

Trinta minutos para o fim do expediente e eu dirigir trinta minutos para chegar em casa às seis e trinta e jantar em trinta minutos e ver TV por vários trinta minutos e me lamentar por trinta minutos por mais um fim-de-semana sem sentido cheio de trinta minutos sem paixão antes de dormir.

07/01/05

FASE E LUA

"As coisas. Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase." - Drummond

Quero ouvir estrelas novamente
e acreditar
no que dizem.

09/01/05

TRISTE DA VINCI (E O POÇO)

"Vós sois Deuses." - Jesus

Singro os mares de meu peito
na busca da estrela vazia
para espremer dela
com mãos nuas e puras
uma maldita lágrima seca.

Sangro
mas não choro.

E o dólar?

É por não suportar
o deserto do real
que criamos espíritos, poemas líricos, gnomos, lendas, discos voadores, contos da
[carochinha, sonetos, sonatas, amores difíceis
[e Deuses à nossa imagem e semelhança...

Não se pode beber a verdade
no fundo do mundo:
é preciso bochechar
cuspir
e correr.

11/01/05

A MORTE DO SUPER-HOMEM

*"nunca cometo o mesmo erro
duas vezes
já cometo duas três
quatro cinco seis
até esse erro aprender
que só o erro tem vez" - Paulo Leminsky*

É preciso estar muito bem
para ser pior.

É preciso ser muito sim
para aceitar tanto não
e continuar perguntando...

É preciso ser tudo
para aceitar o nada.

Raiva.

Vou matar o Supereu
que me mata
ou fugir pra mata.

15/01/05

WHO IS THE ONE?

É quando a espera cansa
e a gaiola balança sem freio
que o terror do vermelho
faz nascer esperança:

Luz
que aquece mãos de esperar
em mãos de agir:

Os sinos
não dobram
por si.

19/01/05

MAS...

A tarde arde
o peito pulsa
a mesma música
fora de tom.

O bom do som
é o silêncio.

23/01/05

UM POEMA DE TARDE

Passa um carro na rua.
(barulho)
Meteoro faz buraco na lua.
(silêncio)

Não é tarde.
Não tenho medo.

25/01/05

PARÁFLORA

Flora ri e me enamora de não ver as janelas...

Flora ri agora embora tanto cinza...

Flora ri e desapavora.

28/01/05

ESPALHAR DÚVIDAS - A MISSÃO

Perante o universo infundo
e a perfeita natureza
que importa
a marca
da sua roupa?

02/02/05

SEMI-ÁRIDO

O menino com o pé na rua deserta
procura emoção
sem chamar por ela.

Precisa
e não precisa
do Outro.

O menino caminha.

Ardem suas costas
áridas.

Além do perto
talvez haja...

No entanto, o perto
o pó
o menino
o passo
deveriam
bastar?

Não...
É preciso emoção.

(Pássaros
sobre passos
que passarão.)

02/02/05

PARTE

Transformar
em parte
a dor em arte
arde:
cura.

02/02/05

TIÊ SANGUE NA POUSADA DA FLORESTA

O poema
chama
das matas

(Promessa de novo dia)

Oceano
verde
e vasto
ronrona.

Pingos de sol
na água.

Andorinhas
recurvam a tarde.

Esfria.

Ilha Grande, 06/02/05

MAR: ERROTENTATIVA

Tento convencer
o labirinto
que estou firme.

Ilha Grande, 06/02/05

PREMONIÇÃO

Enquanto houver papel
escreverei.

Caem folhas de árvores nuas
por desconhecidas ruas
sob céus sem luas.

Lágrimas
caem em rostos futuros
pois é escuro
o trem do tempo.

No entanto,
belas paisagens.

BH, 13/02/05

DA PAIXÃO

Não te conheço
talvez nunca
te conhecerei.

No entanto
nunca não conheci
alguém tão.

BH, 13/02/05

SÓFOCLES

Olhei demasiado grande
pro abismo alto
não subo nem desço
só sofro.

14/02/05

MÃO NO QUEIXO E LABIRINTITE NERVOSA

Sempre me disseram
que eu tinha olhos tristes nessa foto.

Hoje olhei através deles
para eles
e vi que eles
é que me têm.

16/02/05

PÓ

Tanta ira no Iraque...
Que iria adiantar
um ataque?

18/02/05

TITE

Este é o meu cartão.

Solidão
não é derrota.

Labirinto infinito
torto como vela de barco a diesel
tonto
ouve canções de amor
a la *Moulin Rouge*
e quer.

Leio sem crer meu próprio cartão.

Este é o meu cartão:
solidão
não é derrota.

20/02/05

DO SONHO BESTA

Sim, terei um apartamento mínimo
todo meu
só meu
inteiramente meu...

Para que eu possa
reunir todos
os
inúmeros
amigos
que não tenho
e jogar pôquer.

Sim, será meu
todo todo meu meu meu
o apertamente.

E lá também poderei levar
sem crise
stress
ou permissão
toda essa infinidade
de amantes
e namoradas
e mulheres
que não há.

21/02/05

SAÍDA

A vida sobe sol
na alvorada da mente
o pulmão inspira vento
a cantar suave
pois nada é pressa
e a pressa leva a nada.

Atrasada?
Demore mais.

22/02/05

ESCRIT-ÓRION

Uma mesa e uma tela
uma musa e uma janela
um fechar de olhos e um sonho.

24/02/05

DO ESCREVER

Mais importante do que saber a origem arcaica das palavras
seus múltiplos significados e traduções
suas rimas e ritmos
é ter algo a dizer
com paixão.

27/02/05

DA MORTE

"Tudo o que não me mata me fortalece." – Nietzsche

Neste verão de chuva
verão que a luva
é prisão
da mão.

Portanto
por tanto
a questão é
força.

Rasga a luva
ou encolhe a mão.

Eu rasgo a lua
e enterro
a minha fraqueza
morta.

Preparem-se.

02/03/05

A NIETZSCHE

Era uma vez o homem.
Só.
No escuro temeu o silêncio
o futuro certo abaixo
e criou, à sua imagem e semelhança
Deus lá no alto.

Para facilitar mais ainda
se organizou em grupos
que ditariam como ser
para não ter que escolher.

Inventou tantas futilidades
para fugir de si
que conseguiu.

E no último dia
o homem descansou
com os bolsos cheios
e o coração vazio.

04/03/05

TRINCAGEM DENTAL MUSCULAR ESPASMÓDICA

A pia pin
a pia pin
a pia pinga.

Cerro os punhos.

E meu grito
não grita.

A pia pin
a pia pin
a pia pinga.

Suo.

O fruto
não cai.

E meu grito
cercado de escuridão
não grita.

07/03/05

BIGODÃO

Nietzsche tem razão
mas não
sentimento.

07/03/05

DÉBI

Te acaricio a pele
pela tela.

Abraço-te a alma
pela janela.

Sinto o perfume
de ser feliz.

A vida basta
basta
a vida simples
sem pensamentos
existenciais
morais
abissais...

Rimemos flor
com amor.

09/03/05

MAS NEM

Podia ter ganhado na loteria
podia comprar uma ilha
podia viver de nostalgia
mas nem joguei.

10/03/05

NÃO ME AGUENTO MAIS ME OUVIR RECLAMANDO

No entanto
reclamo.

Não seria a hora
de parar de tentar nadar
num esforço sobre-humano
no meio desses malditos peixes
e me aceitar pássaro?

Há de haver um céu...

10/03/05

PAUSE

"O caminho certo é o do meio." - Buda

Paro e danço
sob a sombra da amendoeira
(sem me importar com o porquê).

Paro e choro
quando dá na telha
(sem me importar com quem vê).

Paro e rio
com qualquer um
das estrelas
(deixemos elas lá).

Minha poesia não grita mais:
murmura.

Não procuro: encontro.

É parando que se chega
perto
de ser você mesmo.

12/03/05

RELEMBRANDO O MESTRE ADISON

O sorriso
mais bonito
é o do banguela.

13/03/05

PROPAGANDA REAL

Se for dirigir, não beba.
Se for bater em alguém, não beba.
Se for pra dançar, não dance.
Se for pra cantar, não cante.
Se for pra te dar força, não tenha força.
Se for pra ser você mesmo, não seja.

Não há soluções na garrafa.

Se for pra suportar, não beba.
Se for pra fugir (de você), não beba.
Se for viver, não beba.

14/03/05

CURTO CORTE

Nunca estive tão são
nem tão louco
e na verdade
falta pouco
para chegar a mim.

15/03/05

TÍTULO

Rodo em torno
de meu gigante julgador interno morno.

Procuro seus olhos críticos.

Pedras nas mãos.

Um de nós vai cair.

16/03/05

ESCALADA VORAZ

Para Calene, Lia e Nietzsche

De certo
é difícil, longo, doloroso
o caminho para o topo de si.

E é exatamente isso
que melhora a chegada.

18/03/05

(C)ALMA

Vou dormir sozinho
e acordo com Débora transparente
abraçado
na cama solteira.

Débora loira
aqui tem a opacidade mínima
e lá deve estar chegando no trabalho sem ânimo
nada translúcida
no Rio do sul.

No entanto
Débora invisível
me abraça quando acordo
no Rio do início do ano
e rio.

Através dela
vejo
lá fora
um sol
outonal
a clarear futuros.

30/03/05

O TRENZINHO DO CAIPIRA

Para Villa Lobos e Artur da Távola

Arrepio na alma
parte o trem
entra a trilha
sonora do filme
acelera fundo
musical em violinos
lágrimas pulando de olhos fechados
peito voando livre no imaginar
trilhos se repetem
em crepúsculos jamais vistos
o som se forma palavra ritmada:
Bom mesmo é nunca chegar.

Pára
o trem
devagar.

E perante olhos
abertos abestalhados aéreos
se desfaz num quarteto de cordas.

02/04/05

SIMPLIFICAÇÃO

Escrevo talvez
por um desejo semiconsciente
de atrair mulheres inteligentes.

03/04/05

LÁGRIMAS PRESAS

A pétala
tão fina
que transparecia
que aos céus eu tanto pedia
acho que destruí.

Esmaguei na mão de espinhos
que quer sempre mais
e por querer demais
nada é.

Agora
a noite escura interminável
se prolonga
na sombra da incerteza
de haver um sol.

04/04/05

Caro(a) Leitor(a),

A poesia, para estar viva, precisa de olhos. Não basta o papel. Obrigado pela leitura.

Este é um trabalho independente e gratuito, que pode ser distribuído pela internet.

Se tiver gostado, mande aos seus amigos. Caso contrário, aos inimigos... 😊

Uma das coisas de que mais gosto é ver estes versos se espalhando como vírus pela grande rede...

Um grande abraço e obrigado mais uma vez,

Fabio Rocha

e-mail: fabiorocha@fabiorocha.com.br

site: www.fabiorocha.com.br